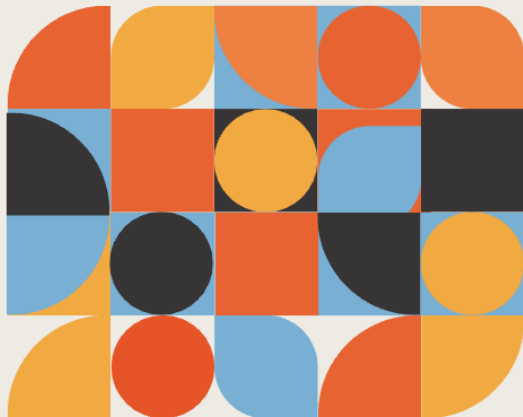




20º COLÓQUIO DE MODA

19º FÓRUM DAS ESCOLAS DE MODA DOROTÉIA BADUY PIRES
11º CONGRESSO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA EM DESIGN E MODA

FAAP - SÃO PAULO

DE 30 DE SETEMBRO A 03 DE OUTUBRO DE 2025

ORAÇÃO AO TEMPO: UMA ANÁLISE DA RELAÇÃO ENTRE MODA, FOTOGRAFIA E O TEMPO

An ode to time: An analysis of the relationship between fashion, photography, and time

Fagundes, Maria Luísa; Bacharelanda; Universidade Federal de Juiz de Fora, amalufagundes@gmail.com¹
de Aguiar, Anirã Marina; Doutorando; Universidade Federal de Juiz de Fora, aniram.marina@estudante.ufjf.br²

Resumo: O presente trabalho tem como objetivo disparar reflexões e fomentar discussões a respeito da relação da moda, do tempo e da fotografia. Tomando como ponto de partida fotografias encontradas em uma caçamba de lixo, busca-se tecer pensamentos sobre a forma como a sociedade atual lida com o tempo, as transformações na relação com o vestuário, o apagamento das pessoas pretas pela fotografia e os enfrentamentos que as mulheres passam ao envelhecer.

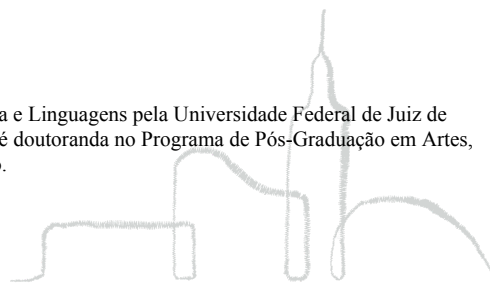
Palavras chave: Tempo; Fotografia; Moda.

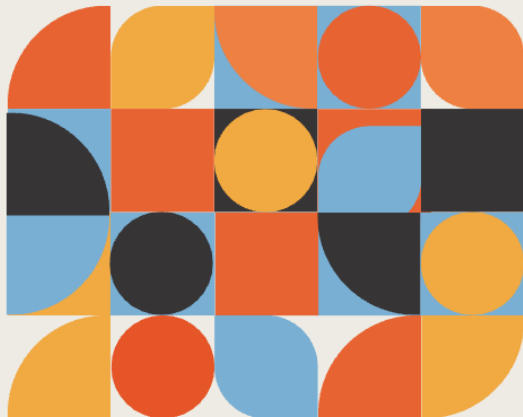
Abstract: This work aims to spark reflections and foster discussions about the relationship between fashion, time, and photography. Taking as a starting point photographs found in a dumpster, it seeks to weave thoughts on how contemporary society deals with time, the transformations in our relationship with clothing, the erasure of Black people through photography, and the challenges women face as they age.

Keywords: Time; Photography; Fashion.

¹ Acadêmica do curso Bacharelado em Moda da Universidade Federal de Juiz de Fora.

² Bacharel em Artes Visuais pela Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC) e mestre em Artes, Cultura e Linguagens pela Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF), onde também atuou como docente nos cursos de graduação em Moda e Artes Visuais. Atualmente é doutoranda no Programa de Pós-Graduação em Artes, Cultura e Linguagens da UFJF, onde desenvolve uma tese sobre a bordadura na obra de Arthur Bispo do Rosário.





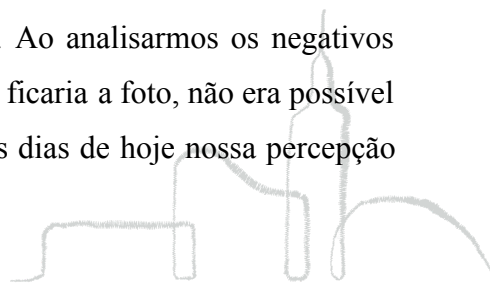
Introdução

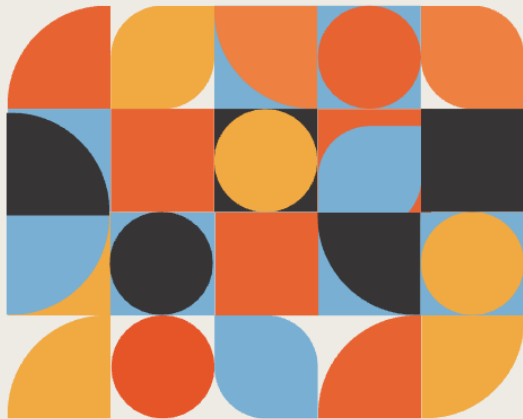
Para iniciar meu trabalho é importante primeiro localizar a minha fonte de pesquisa. No momento, as fotos usadas pertencem ao meu acervo pessoal, mas pelo que averigui com a vizinhança, antes de chegarem até mim, elas faziam parte do acervo de um Estúdio de Impressão de Fotos em um bairro de classe média da cidade de Juiz de Fora, onde moro. O que já começa a tornar o caso mais interessante é que adquiri essas fotos em meio a entulhos que restaram do que um dia foi este estúdio, muitas delas jogadas por baixo de azulejos que também eram originários do século passado, algumas sujas de gesso do que parece ser um novo projeto arquitetônico no local. Outras conseguiram permanecer melhor preservadas, pois estavam em álbuns próprios para armazenamento de retratos, como se estivessem eternamente esperando para serem buscadas por seus donos. Logo, é possível deduzir que o estúdio fechou e que de alguma forma essas fotos não tiveram como destino final seus personagens.

A maior parte das fotos adquiridas são de festividades: casamento, carnaval, baile de debutante e jogos esportivos. Suponho que isso deve-se ao alto custo de fotografar naquela época, que acredito ser entre os anos 1980 e 1990, valor que era ainda mais elevado quando se fazia necessário um fotógrafo, como é possível observar em algumas das fotografias. Ao analisar esses retratos é possível que alguns debates sejam levantados, dessa forma optei por dividir meu trabalho em algumas partes, utilizando as fotografias como disparadores reflexivos sobre a relação da roupa e do tempo sob diferentes perspectivas.

Sociedade do ‘tempo perdido’

Em um primeiro momento, é possível questionarmos a passagem do tempo a partir da velocidade através da qual nos relacionamos com a informação e com as imagens. Ao analisarmos os negativos (Figura 1) podemos perceber que mesmo tendo uma breve ideia de como ficaria a foto, não era possível ter certeza de como seria ao ser revelada. Isso nos permite pensar que nos dias de hoje nossa percepção





20º COLÓQUIO DE MODA

19º FÓRUM DAS ESCOLAS DE MODA DOROTÉIA BADUY PIRES
11º CONGRESSO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA EM DESIGN E MODA

FAAP - SÃO PAULO

DE 30 DE SETEMBRO A 03 DE OUTUBRO DE 2025

de tempo é muito mais cronológica, pautada em um tempo físico, do que kairológica, pautada em um tempo imaterial e sensitivo (Arantes, 2015, p. 4), realidade vivida por gerações passadas. Hoje, se tiramos uma foto por dispositivos eletrônicos, imediatamente temos o resultado e não precisamos ficar deduzindo ou imaginando como aquela foto pode ter ficado. Na disciplina Roupas, sujeitos e modos de vida do curso de Moda da Universidade Federal de Juiz de Fora, debatemos sobre a nossa percepção de tempo e foi possível notar que todos nós vivemos com esse sentimento de sempre “estar perdendo o tempo”. Segundo Bondía (Bondía, 2002, p. 23), a velocidade em que recebemos informação, a nossa obsessão pelo novo e a nossa ânsia pela novidade representam uma grande barreira para as experiências. O autor nos diz “Ao sujeito do estímulo, da vivência pontual, tudo o atravessa, tudo o excita, tudo o agita, tudo o choca, mas nada lhe acontece. Por isso, a velocidade e o que ela provoca, a falta de silêncio e de memória, são também inimigas mortais da experiência.” Neste trabalho estou discorrendo sobre o ato de fotografar, mas tudo isso pode ser espelhado para outros âmbitos da vivência humana, como a pressa para adquirir bens materiais, a dificuldade de manter relacionamentos interpessoais, a necessidade de começar o emprego pelo melhor cargo, e a ganância de adquirir cada vez mais recursos monetários. Assim, é possível levantar questionamentos sobre como seria um mundo em que as informações chegam até nós em outra velocidade.

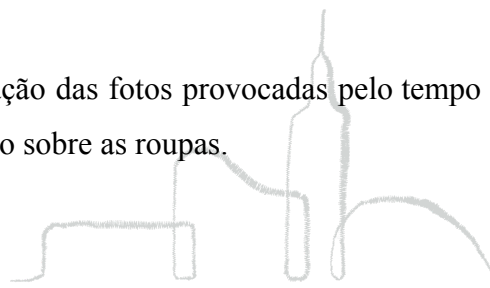
Figura 1: Negativo de foto analógica.

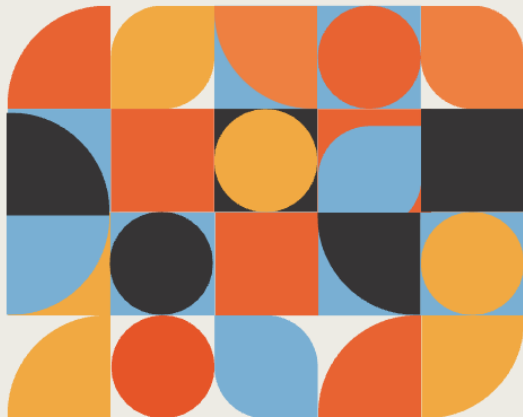


Fonte: Acervo pessoal.

Do luxo ao lixo

Um outro debate possível de ser levantado é a respeito da degradação das fotos provocadas pelo tempo (Figura 2), a partir da qual podemos tecer uma relação com a ação do tempo sobre as roupas.





20º COLÓQUIO DE MODA

19º FÓRUM DAS ESCOLAS DE MODA DOROTÉIA BADUY PIRES
11º CONGRESSO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA EM DESIGN E MODA

FAAP - SÃO PAULO

DE 30 DE SETEMBRO A 03 DE OUTUBRO DE 2025

Na atualidade, poucas vezes conseguimos desenvolver uma relação pessoal e sentimental com as roupas. Em alguns casos o fator principal é a baixa qualidade e durabilidade dos materiais utilizados, fazendo com que essas roupas tenham seu destino final nos lixões públicos (Calíope; Paris; Leocádio, 2017, p. 48). Se as fotos que são de papel, material muito menos resistente à degradação que os tecidos, conseguiram permanecer mesmo após trinta anos, que fim levaram as roupas que foram produzidas na mesma época? E qual será o destino das roupas que estão sendo produzidas no tempo presente?

Figura 2: Foto degradada.

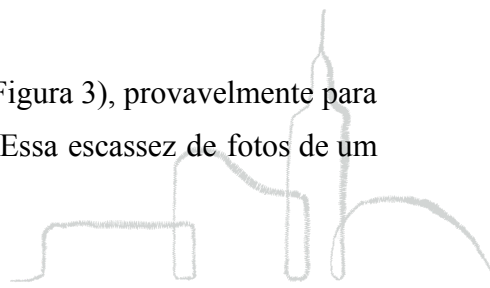


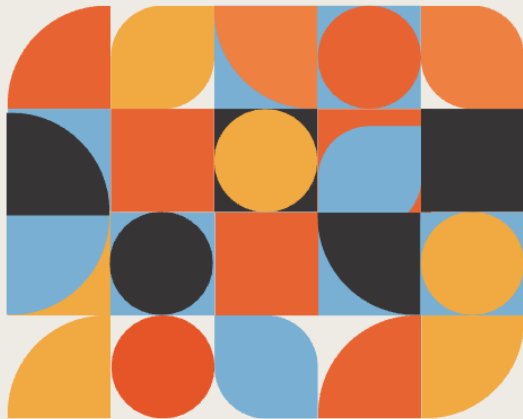
Fonte: Acervo pessoal.

Fotografia e apagamento

No acervo analisado, quase todas as fotos são de pessoas brancas que aparentam ser de classe média, por suas vestimentas, acessórios, pelos seus atos e porte físico, elementos que são fortes marcadores de distinção social (Bourdieu, 1979, p. 25). Sendo assim, é possível caracterizarmos a fotografia, para a época, como um agente distintivo.

As fotografias de pessoas pretas pertencentes ao acervo são 3x4 (Figura 3), provavelmente para documentos oficiais, situação em que se faziam estritamente necessárias. Essa escassez de fotos de um





grupo majoritário no Brasil se deve ao limitado acesso pelo elevado custo, todavia esse não é o único fator que propiciava o apagamento desses indivíduos. O ato de fotografar pessoas negras era colocar esses personagens em voga, e fazer com que a sociedade, maioria racista, encarasse de frente sua realidade (Damaceno, 2024, p. 22).

Então, se anteriormente pontuamos as evoluções tecnológicas como um modificador de percepção temporal, é importante pontuar também que foi a partir dessas mudanças que conseguimos trazer uma democratização da ferramenta para grupos que anteriormente tinham esse acesso negado.

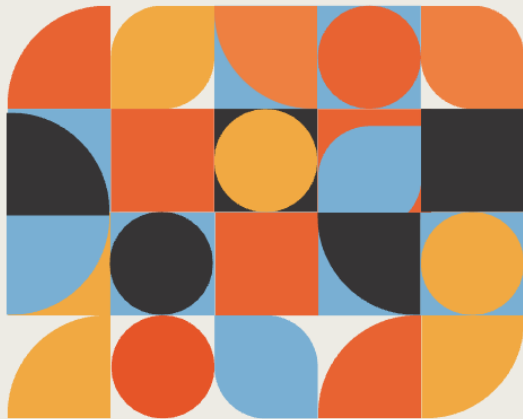
Figura 3: Foto 3x4



Fonte: Acervo pessoal.

O peso do tempo

E como último tópico deste trabalho, acredito ser pertinente trazer uma foto que, para mim, foi muito intrigante. O uso da minissaia se tornou comum a partir dos anos sessenta e, mesmo após esse período, seu uso não era muito notável nas roupas das noivas, principalmente em uma cidade do interior de Minas Gerais, como Juiz de Fora. Os vestidos dos anos oitenta, apesar de não possuírem tantas camadas, costumavam ter anáguas que aumentavam consideravelmente o tamanho da saia (Magro; Macedo, 2018, p. 290). Mesmo sendo uma



20^º COLÓQUIO DE MODA

19º FÓRUM DAS ESCOLAS DE MODA DOROTÉIA BADUY PIRES
11º CONGRESSO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA EM DESIGN E MODA

FAAP - SÃO PAULO

DE 30 DE SETEMBRO A 03 DE OUTUBRO DE 2025

noiva socialmente percebida como transgressora por se casar de minissaia e véu curto (Figura 4), é possível notar que se trata de uma mulher jovem e com alto poder aquisitivo. Nas imagens, fica visível o contraste entre a noiva de minissaia, suas convidadas mais jovens e as mais idosas (Figura 5). Isso me leva a refletir sobre o peso do tempo na vida das mulheres — que, à medida que envelhecem, parecem ser cada vez mais podadas, levadas a se recolher e a se tornarem mais reservadas. Somos capazes de perceber trajes mais contidos nas convidadas mais velhas, o que pode nos dizer que o passar do tempo para as mulheres vem sendo um fator que dita a roupa, o corte de cabelo e até mesmo os acessórios que podem usar.

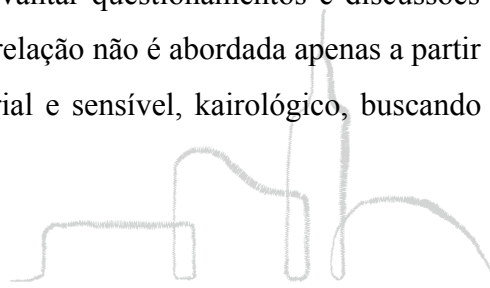
Figura 4 e 5 (respectivamente):

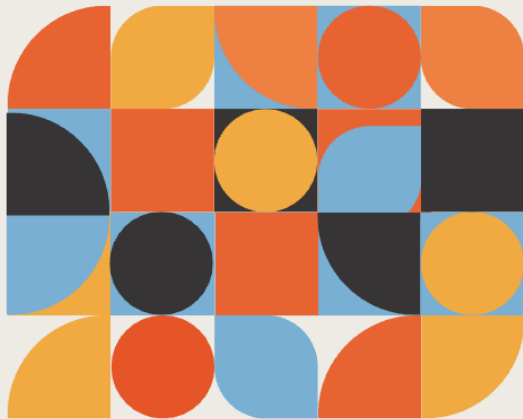


Fonte: Acervo pessoal.

Considerações finais

A partir do conjunto de fotografias encontradas, foi possível levantar questionamentos e discussões sobre a relação entre o tempo, a moda e a fotografia. Nesse sentido, essa relação não é abordada apenas a partir de um tempo material, cronológico, mas também em um tempo imaterial e sensível, kairológico, buscando





20º COLÓQUIO DE MODA

19º FÓRUM DAS ESCOLAS DE MODA DOROTÉIA BADUY PIRES
11º CONGRESSO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA EM DESIGN E MODA

FAAP - SÃO PAULO

DE 30 DE SETEMBRO A 03 DE OUTUBRO DE 2025

entender como as fotografias - em seus personagens, temas e sinais da passagem do tempo - refletem aspectos importantes da experiência humana. O estudo traz reflexões acerca de como a fotografia é praticada hoje em contraste com rastros de outro tempo histórico, e busca mapear transformações que refletem diretamente nos modos de vida da nossa sociedade.

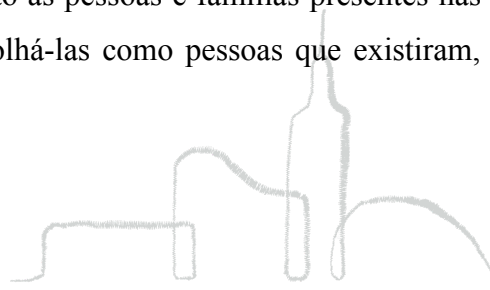
A passagem temporal é um fator importante para as roupas, que estão sujeitas aos mais diversos processos de degradação. Mas além dos processos materiais, o tempo também provoca mudanças sociais e transforma a maneira como nos relacionamos com o vestuário, modificando as relações de afeto. Foi possível refletir que os processos de aceleração tornaram as relações mais efêmeras, como demonstrado pelo descarte excessivo de peças, seja por sua baixa qualidade ou pela pressão do consumo, impossibilitando a construção de uma relação sentimental e determinando como destino final dessas peças os lixões públicos.

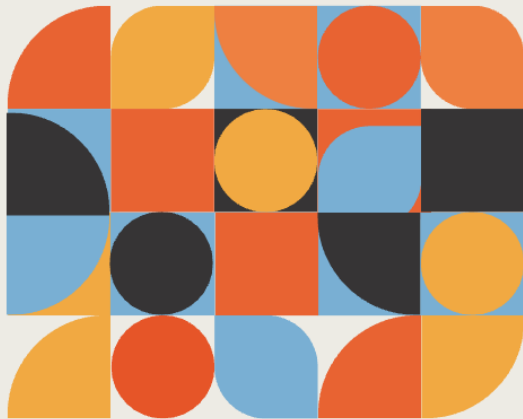
As mudanças causadas pelo tempo tiveram reflexos não apenas no modo como as pessoas utilizam a fotografia, mas também mudaram o cenário de quem a utiliza, uma vez que, antes, uma parte da população não tinha acesso a essa tecnologia, como é o caso das pessoas pretas. Sendo assim, a democratização do uso dessa ferramenta trouxe ganhos significativos, não só para esse grupo marginalizado, mas para toda a sociedade.

O tempo é marcador da vida, da idade, e com sua passagem percebem-se mudanças físicas em nosso corpo. E acompanhadas dessas mudanças vemos um direcionamento social para o tipo de traje e o tipo de atitude que devemos ter. Esses direcionamentos recaem com mais força sob as mulheres que, em muitos casos, devem se limitar para serem aceitas.

O tempo não é apenas aquilo que podemos contar ou medir em segundos, minutos, anos e séculos, é também a percepção que temos dele, e seu acontecimento absoluto é parte das relações humanas. É algo que, mesmo antes de ser conhecido e compreendido pela sociedade, já se fazia presente. Sendo assim, é um fator que, querendo ou não, recai sobre a cultura e os modos de vida. O tempo age sobre a roupa e a fotografia, quem as usa e como as usa.

É importante salientar que não é do meu conhecimento quem são as pessoas e famílias presentes nas fotografias que são objeto de estudo desta pesquisa, mas que devemos olhá-las como pessoas que existiram,





20º COLÓQUIO DE MODA

19º FÓRUM DAS ESCOLAS DE MODA DOROTÉIA BADUY PIRES
11º CONGRESSO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA EM DESIGN E MODA

FAAP - SÃO PAULO

DE 30 DE SETEMBRO A 03 DE OUTUBRO DE 2025

histórias que realmente aconteceram, vidas que foram registradas para que pudessem ser lembradas — mas que, inevitavelmente, também se perderam no tempo.

Referências

ARANTES, Paulo. **Kairós e Chronos**: Origem, significado e uso. Revista Pandora Brasil, v. 1, n. 69, p. 1-9, 2015.

BONDÍA, Jorge. **Notas sobre a experiência e o saber de experiência**. Revista brasileira de educação, p. 20-28, 2002.

CALÍOPE, Thalita; PARIS, Ilze; LEOCÁDIO, Áurio. **Comportamento de consumo de moda**: motivações e atributos no descarte de roupas usadas. Revista Economia & Gestão, v. 17, n. 47, p. 44-64, 2017.

BOURDIEU, Pierre. **A distinção**. São Paulo: Edusp, 2007.

DAMACENO, Janaina. **Direito a olhar. direito a ser visto. direito a existir**. In: PIMENTA, Afonso; MENDES, João. **Retratistas do Morro**. Curadoria de Guilherme Cunha. Guarulhos: SESC, 2024.p. 20-25.

MAGRO, Juliane; DE MACEDO, Kárita. **Moda e memória**: a biografia de um vestido de noiva de 1984. Projetica, v. 9, n. 2Supl, p. 285-298, 2018.

